

O LIVRO NO BRASIL (*)

ROBERT ESCARPITT

Introdução

No âmbito de minha missão na América Latina estive no Brasil de 6 a 11 de janeiro de 1969. O objetivo de minha missão era reunir dados sobre os problemas peculiares com que se defronta este país na esfera da promoção do livro. Em tão breve espaço de tempo não se podia cogitar de uma análise profunda. Na medida do possível tentei combinar três métodos de contato: a) sessões de trabalho organizado segundo um programa estabelecido pelas autoridades nacionais; b) diálogos, com duas ou três pessoas de cada vez, representantes das autoridades, da indústria do livro ou de atividades análogas (educação, juventude etc.); e c) visitas a casas editôras, livrarias, bibliotecas etc. (1).

A situação geral da América Latina é muito diferente da reinante na Ásia e na África. Ela se caracteriza pelos dois traços seguintes: a) homogeneidade lingüística e cultural; e b) desigualdade econômica devido às divisões políticas e dificuldades de comunicação.

Dos dois fatores acima citados o primeiro é positivo, o segundo negativo. Devem-se ajuntar duas modalidades: a) distribuição desigual do analfabetismo. Em 1960, a América do Sul, de clima temperado, tinha 11,2% de adultos analfabetos contra 39,8% na América do Sul tropical; b) a existência, no bloco lingüístico principal, de uma nação européia grande produtora de livros, que tende a

(*) Relatório apresentado à UNESCO. Escarpitt realizou um estudo sobre os programas de divulgação do livro na América Latina, tendo visitado o Brasil em começos de 1969.

concentrar a produção, fenômeno geral comum a todos os blocos lingüísticos. Entre 1963 e 1965, a produção espanhola em títulos aumentou em 19% (proporção mundial: 13%) ao passo que a da América Latina diminuiu em 2%.

A combinação desses dados diversos cria uma hierarquia cujos escalões tendem a afastar-se uns dos outros:

- 1 — **Países europeus:** Portugal (produtor e exportador médio); Espanha (grande produtor, grande exportador).
- 2 — **País produtor médio e grande consumidor:** Brasil.
- 3 — **Países produtores médios, grandes consumidores e grandes exportadores:** Argentina, México.
- 4 — **Países pequenos produtores, consumidores médios:** Chile, Colômbia, Cuba, Peru, Uruguai e Venezuela.
- 5 — **Países produtores muito pequenos e pequenos consumidores (2):** Costa Rica, Bolívia, Equador, República Dominicana, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua; Panamá e Paraguai.

Entretanto, no conjunto de língua hispano-portuguêsa, dotado de numerosos e prestigiosos centros intelectuais, o problema da produção de textos a publicar se apresenta de modo menos agudo do que em outras regiões. A verdadeira dificuldade consiste na difusão desses textos. A propósito, pode-se citar o exemplo do livro de Gabriel García Márquez, *Cien Años de Soledad*, publicado em 1968 pela Editorial Sudamericana, de Buenos Aires. Este livro, *best-seller* internacional, foi escrito por um colombiano, sobre um tema histórico colombiano. Pode ser considerado uma das obras-primas da literatura colombiana. Ora, a edição colombiana não parecia assegurar-lhe a difusão internacional que o livro merecia. Foi, pois, publicado na Argentina, mas é muito mal distribuído em seu próprio país, onde, aliás, é vendido a um preço excessivamente elevado para o leitor a que se destina.

Entre os quatro pontos previstos pelo programa de desenvolvimento do livro, a ordem de urgência para esta região parece, pois, ser a seguinte:

- 1 — **Distribuição:** a) nacional (sobretudo nos países das categorias 4 e 5); b) internacional (organização de um "mercado comum" do livro).
- 2 — **Fabricação**
- 3 — **Propaganda a favor da leitura:** a) ao nível dos programas de alfabetização; b) ao nível da educação permanente; c) ao nível da leitura recreativa, em horas de lazer.
- 4 — **Produção de textos:** a) textos originais; b) traduções e adaptações.

Considerações Gerais

No que se refere ao plano de desenvolvimento do livro, é considerável a boa vontade das autoridades brasileiras. Nos planos do Instituto Nacional do Livro figura a criação de unidades culturais, que está em via de realização. Este projeto é do máximo interesse. Dentro de um ano poder-se-ão ver seus primeiros resultados, mas desde já as idéias nêle contidas e as primeiras realizações que êle pode apresentar indicam que o projeto poderá servir de base a uma ação futura sôbre o plano latino-americano. A idéia consiste em instalar, numa dezena de pontos do território brasileiro (praticamente em todo o território, a não ser Brasília e Natal), fora das grandes aglomerações humanas, centros culturais integrados, de certo tipo, fundados sôbre o livro. Foram realizados estudos muito sérios para fornecer os planos que servirão de modelo para êstes estabelecimentos, que compreendem não só bibliotecas, salas de teatro e cinema, laboratórios fotográficos, salas de seminários para pesquisas, lojas para vendas de livros, mas ainda cercanias de aldeias para crianças, para onde se poderão trazer as crianças em idade escolar das mais distantes regiões, para um período mais ou menos longo. O único ponto que permanece duvidoso é o do enquadramento no ambiente, mas isso acontece precisamente porque o Brasil, como a maioria dos países, ainda não possui a noção de animação cultural e ainda não desenvolveu a da educação permanente.

O Instituto Nacional do Livro pretende desenvolver a produção intelectual mediante a instituição de certo número de prêmios literários especializados. Na esfera da distribuição, o Instituto tem igualmente a experiência da criação de bibliotecas públicas, tanto fixas como móveis. Atualmente está tentando determinar qual é a melhor solução: a do ônibus-biblioteca, provido de considerável estoque, ou a frota de pequenas camionetas.

Mas as ambições vão muito além. Os pontos principais atualmente em estudo ou em via de realização são os seguintes: a) fusão dos diversos órgãos do Ministério da Educação e Cultura interessados na política do livro; b) incorporação do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, mantendo-se suas ligações com o Conselho Nacional de Pesquisas Científicas; c) instituição de um plano nacional de cultura, compreendendo uma série de planos setoriais referentes às bibliotecas, formação de editôres, pesquisas, desenvolvimento do livro científico, bibliografia e documentação etc.; d) criação de seções especializadas no âmbito da fundação, sobretudo para a elaboração de um dicionário nacional brasileiro e de uma enciclopédia brasileira. Este projeto já está, aliás, muito adiantado e em via de realização.

Enfim, a Fundação Nacional do Livro servirá de intermediária entre as diversas iniciativas de ajuda bilateral ou multilateral (sobretudo a dos Estados Unidos e a da UNESCO).

Este projeto e suas realizações constituem certamente um conjunto impressionante. Mas tudo isso pressupõe pesquisas científicas sérias sobre o livro. Seria preciso prevenir uma escala de pesquisas de bibliografia e sociologia da cultura. Além disso, é evidente que falta ao Brasil a experiência para proporcionar quadros de pessoas preparadas para o conjunto de tais realizações e principalmente para as unidades culturais. Deverá ser feito um esforço peculiar nesse sentido.

As livrarias do Rio de Janeiro são bem numerosas, pelo menos no centro da cidade, mas não parecem muito bem organizadas. Alguns livreiros com os quais falei mostraram-se um tanto pessimistas quanto à produção nacional e se queixam da escassez de pessoas preparadas para a venda de livros. Tive a impressão de que, em conjunto, o livro brasileiro é relativamente caro. As poucas coleções de livros de bolso que vi nas prateleiras não me pareceram ter muito boa saída. É certo que, pelo menos no centro, a clientela se reduz, como o declara um dos livreiros, "aos estudantes e aos intelectuais pobres". Os bairros populares são mal servidos. Nesse sentido acaba de ser tomada uma iniciativa que abrange todo o Brasil. Um decreto que proíbe a venda de livros juntamente com jornais permite e encoraja, em compensação, a venda de livros nas farmácias.

Os editores parecem temer a concorrência de livros impressos em português no estrangeiro e principalmente em Portugal. O problema parece ser uma continuação daquele criado alhures pela invasão da edição espanhola. De fato, é evidente que Portugal retransmite ao Brasil a edição espanhola. Mostram as estatísticas que Portugal traduz quase 50% de livros espanhóis. No entanto, as medidas propostas pelos editores brasileiros para combater este **dumping** não são suficientemente positivas. Eles são firmes partidários de barreiras aduaneiras. Eu lhes expus que acordos de co-edição latino-americanos poderiam combater eficazmente essa invasão.

Dados Numéricos

Pelo número de títulos publicados, o Brasil se classifica diretamente antes da Argentina: 4.812 títulos em 1964 (dos quais 3.882 correspondem à definição "livro"). A tiragem média por título é da ordem de 12.000 exemplares, o que parece normal num país de 80 milhões de habitantes, onde o analfabetismo se encontra em constante regressão. Observemos somente que esta média é largamente ampliada pelo livro didático ou funcional. A tiragem do livro literário parece ser da mesma ordem que a da Argentina: 8.000.

Contudo, por mais próspera que seja, esta produção está sujeita a consideráveis variações, nas quais se pode perceber uma tendência para baixar: em 1960 eram 5.377 títulos.

Isso poderá ser explicado pelo fato de ser o Brasil em grande parte tributário da importação de livros. Observa-se, aliás, uma relação entre as variações anuais da produção e as das importações. De uns 9 milhões de dólares em livros que o Brasil importou em 1967, 4 milhões vieram dos Estados Unidos, 1 de Portugal, 1 da Espanha, 0,5 da França, 0,5 da Argentina e 2 do resto do mundo. Em confronto, a exportação de livros brasileira não ultrapassou o montante irrisório de 50.000 dólares, dos quais 30.000 se destinaram a Portugal.

Os Pontos Fortes

a) **Uma implantação nacional** — O livro brasileiro é o único da América Latina que possui uma implantação nacional, cobrindo todo o território. Com apenas duas exceções, todos os Estados da Federação brasileira produzem livros. Por outro lado, existem dois centros produtores principais, onde são publicadas 4/5 partes dos livros brasileiros: São Paulo e Rio de Janeiro, com o Estado da Guanabara. Em volume, a produção destes dois centros é quase equivalente. São Paulo tendo-se especializado mais nos livros didáticos e universitários, ao passo que o Rio de Janeiro-Guanabara tem o predomínio nos livros gerais e literários.

b) **Uma forte infra-estrutura administrativa** — O livro brasileiro é igualmente um dos únicos na América Latina que conta com o benefício de uma política coordenada. O Instituto Nacional do Livro é uma organização notável, cuja atividade no momento é dirigida sobretudo para a distribuição de leituras na esfera de uma política cultural, mas que se encaminha no sentido da fórmula de uma Fundação Nacional do Livro, cobrindo todos os aspectos da bibliologia.

Quanto ao livro escolar, a COLTED (Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático) organiza a distribuição de livros gratuitos para o ensino do primeiro ano e a preços reduzidos para o ensino do segundo e do terceiro anos. A iniciativa cabe aos editores que pedem o visto da COLTED. Essa última reforça a distribuição com a organização de bibliotecas demonstrativas, onde os professores podem manter-se ao corrente da produção. Na Universidade de São Paulo o sistema adotado pela Editorial Universitária para os livros universitários e científicos é do mesmo tipo.

Do ponto de vista da pesquisa bibliográfica, é preciso mencionar o Centro de Documentação e de Informação, que trabalha em colaboração com a Comissão Nacional da Pesquisa Científica e com o Instituto de Documentação da Fundação Getúlio Vargas.

Os Pontos Fracos

a) **Permeabilidade do mercado nacional** — Os livros em espanhol são amplamente lidos e utilizados no Brasil, ao passo que os livros em português são raramente lidos nos países de língua espanhola. O mercado brasileiro está, pois, largamente aberto às importações da Espanha, Argentina, e, em menor escala, México. Devemos acrescentar que os intelectuais brasileiros em grande parte lêem várias línguas, as importações de livros dos Estados Unidos, do Reino Unido e da França constituindo por isso considerável proporção do consumo nacional.

Por outro lado, Portugal exporta para o Brasil 20 a 25 vezes mais livros do que o Brasil exporta para Portugal.

b) **Insuficiência das livrarias** — Não existe no território brasileiro mais do que uma centena de livrarias que se dedicam exclusivamente à venda de livros e quase tôdas elas estão localizadas em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Nos demais Estados a distribuição é feita por meio de venda ambulante, pelo correio ou por intermédio de pequenos estabelecimentos que trabalham sem estoque. Como na Argentina, o pequeno volume das vendas leva o livreiro a cobrar sua percentagem de lucro, que é elevada e pesa sobre o preço de varejo. Apesar disso, a posição financeira do livreiro no Brasil permanece precária. Eles se queixam, na maioria, da falta de pessoal qualificado.

c) **Necessidade de modernização** — Tanto no nível da fabricação como no da comercialização, parece necessária uma modernização das empresas, mesmo das mais importantes. Isso é ainda mais verdadeiro com referência à edição do Rio de Janeiro do que à de São Paulo.

A despeito dos elementos favoráveis existentes, o livro brasileiro continua a ser caro demais. O “livro de bôlso”, sobretudo, é insuficientemente desenvolvido.

Uma boa organização poderia remediar essa falha. Em São Paulo a Editôra Abril difunde 13 milhões de exemplares de revistas de tôda espécie (na sua maioria de inspiração americana) e, aplicando os mesmos métodos à produção dos livros escolares, como à sua distribuição, chega a fazer concorrência ao livro gratuito da COLTED.

Recomendações

1 — Organizar desde já uma comissão de trabalho para estudar os problemas que serão debatidos na reunião de peritos sobre a promoção do livro na América Latina, que terá lugar em Bogotá, de 9 a 15 de setembro de 1969. Essa comissão deveria compreender os representantes das seguintes organizações:

Setor público:

Educação nacional
Assuntos culturais
Assuntos estrangeiros
Comércio e Indústria

Setor privado:

Associações de editôres
Associações de livreiros
Associações de escritores
Organizações culturais

2 — Destacar para a reunião de Bogotá uma delegação de 2 a 3 pessoas competentes, conhecedoras dos aspectos políticos, comerciais e culturais do livro.

3 — Visar à constituição, dentro de pouco tempo, de um organismo permanente do livro, à maneira das comissões acima mencionadas e dar-lhe a forma de um instituto, de uma comissão ou de um escritório.

4 — Reforçar os mercados internos por meio de medidas tendentes a organizar a difusão do livro (aumento dos pontos de venda, facilidade de transporte, facilidades fiscais, novos tipos de distribuição etc.) e a tornar o livro nacional competitivo, isto é, capaz de concorrer vantajosamente com o livro importado.

5 — Procurar a cooperação internacional em bases sub-regionais para os países em que o mercado interno é insuficiente (zona andina, zona centro-americana).

6 — Procurar estabelecer um mercado comum do livro latino-americano.

NOTAS

- (1) Ao contrário do que tem sido às vezes afirmado, o caso do Brasil não deve ser tratado separadamente do dos outros países da região. A barreira lingüística hispano-portuguêsa é muito permeável e não afeta as ligações econômicas.
- (2) A noção de "pequeno consumidor" corresponde a uma camada de população leitora insuficiente para constituir um mercado nacional. Verifica-se efetivamente que, assim que a população é alfabetizada, o gosto pela leitura é muito difundido na América Latina. O problema é econômico (produção rendosa e distribuição) e não cultural.